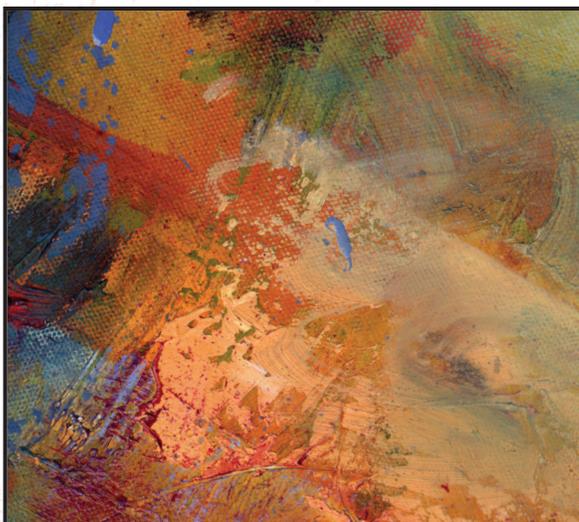


# RESENHA





## Mudança de horizonte: o sol novo a cada dia, nada de novo sob o sol, mas...\*

Dietmar Kamper\*\*

### Um livro-vertigem para dias de cão

Danielle Naves de Oliveira\*\*\*

---

#### Resumo

*Mudança de horizonte* leva o leitor a uma desconfortável confrontação com os limites do Ocidente e de sua cultura, em grande parte erigida a partir do princípio de abstração. Na entrada do terceiro milênio, são sérios os desdobramentos da abstração apontados por Dietmar Kamper: transformação do corpo em imagem; violência operada pelo olhar; o uso da mídia para fins de aniquilação; as perversões do trabalho; a catástrofe das relações amorosas. Simultaneamente, o autor reúne ao longo de tais análises os principais elementos de seu conjunto teórico, como imaginação e imaginário, corpo, antropologia histórica, heresia. O chamado à mudança de horizonte é nada mais do que a chance de sabotar um processo milenar no qual nossas sociedades, obcecadas por segurança e aparência, entram em queda vertiginosa. O livro faz parte da coleção Filosofia e Comunicação, da editora Paulus, dirigida por Ciro Marcondes Filho.

**Palavras-chave:** Dietmar Kamper. *Mudança de horizonte*; Crítica do Ocidente. História da abstração. Corpo. Imagem. Comunicação.

---

#### Abstract

This article takes the reader to an uncomfortable confrontation with the limits of the West and its culture, largely founded on abstraction. At the arrival of the Third Millennium, Dietmar Kamper presents the relevant developments of this abstraction: the body becomes image; the violence compelled by the look; the use of media for annihilation purposes; the perversions of work; the catastrophe of love relationships. Simultaneously, the author brings together the main elements of his theoretical arrangement, like imagination and imaginary, body, historical anthropology, heresy. The call to the change of perspective is nothing more than a chance to sabotage an age-old process in which our societies, obsessed with safety and appearance, enter plummeting. The book is part of the collection Philosophy and Communication, published by Paulus, under the direction of Ciro Marcondes Filho.

**Keywords:** Dietmar Kamper. horizon of change. Criticism of the West. History of abstraction. Body. Image.

---

\* Trad. Danielle Naves de Oliveira. – São Paulo: Paulus, 2016. ISBN 978-85-349-4308-6.

\*\* Dietmar Wilhelm Theodor Kamper (5 de outubro de 1936 em Erkelenz; 28 de outubro de 2001 em Berlim) foi um pensador alemão dedicado à Antropologia Histórica, Sociologia e Filosofia, reconhecido por seus estudos sobre corpo, imagem, cultura e crítica do Ocidente. Estudou em Colônia, Tübinga e Munique (Alemanha). Em 1959, formou-se em Educação Física. Em 1963, doutorou-se em Filosofia. Em 1972 habilitou-se como professor universitário em Ciências da Educação na Universidade de Marburg, onde ensinou de 1972 a 1979. A partir de 1979, Kamper foi professor de Sociologia, com ênfase em Sociologia da Cultura na Universidade Livre de Berlim e membro-fundador do Centro de Pesquisas em Antropologia Histórica nesta mesma universidade. Publicou extensa obra sobre antropologia filosófica, socialização, história do corpo e desejo.

\*\*\* Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, pesquisadora e tradutora da obra de Dietmar Kamper.

## 1. O ensaio como matéria

É por meio do ensaio – não só como forma, mas principalmente como matéria viva – que Dietmar Kamper narra a imbricada história da imagem no Ocidente ou, mais precisamente, a história milenar na qual a carne torna-se lentamente imagem. No ensaio, o autor encontra, para além de uma possibilidade de escrita, um modo de vida. Inscrito na tradição que vai de Montaigne a Adorno e Benjamin, ele afirma que “no ensaio há sempre uma origem herege”,<sup>1</sup> pois sua prática é própria dos resistentes e dos que não negociam dignidade. E esta foi justamente a postura assumida por Kamper em todos os ambientes por onde passou, abalando postos e figuras estabelecidas, na vida e na ciência, o que lhe custou várias vezes a própria cabeça. Inevitavelmente, tudo isso transparece em sua escrita nada conciliadora, intensa, perturbadora.

Não é uma escrita para quem procura manuais ou esclarecimentos planejados. Os textos têm um quê de oráculo, no sentido em que não revelam sentido único, sequer revelam algo, mas levam o leitor a elaborar suas próprias respostas. Falamos aqui, portanto, de ensaio como campo de insinuações, rastros, agentes provocadores da pluralidade interpretativa. Afetado pela letra, o corpo lê e se inquieta, treme, concorda e discorda, revolta-se, vê-se transtornado, cai.

## 2. Apagamento das dimensões

“A mudança de horizonte acontece por si e não poupa quem a escreve”,<sup>2</sup> ou seja, não é fruto de projeto ou arbítrio, não pode ser arquitetada, tampouco aconselhada ao estilo dos livros de autoajuda, no sentido de “mude sua vida”. Nada disso. O autor dispensa definições para dar as pistas do que, para ele, seria a única chance de reverter o destino de um mundo no qual as vidas foram devoradas por imagens, onde imperam a fantasmagoria e a monstruosidade. Assim, as mudanças seriam várias: do ver para o ouvir; da razão calculadora para o sonho; da metamorfose ao metabolismo; da cruz ao pentagrama; e tantas outras que próprio leitor saberá identificar ou rastrear com o próprio corpo.

Nossa civilização, segundo Kamper, já chegou literalmente a nada. É o grau zero da existência: o que se chama agora tempo-real, curiosamente, é o tempo virtual dos ambientes da cibercultura; a tridimensionalidade se desmantelou e foi para o plano, para as telas; a violência e as guerras são operadas à distância, como em videogames, mas causando danos concretos e sangrentos. Esses temas são tratados no primeiro capítulo do livro, onde Kamper dialoga com Vilém Flusser, especialmente no que concerne às fases da hominização, que culminam em imagens sintéticas, ou seja, na total abstração, na nulodimensionalidade. É justamente aqui que “o ponto zero passa a ser firmar como ponto de virada”,<sup>3</sup> pois “menos que nada não há”. Diante disso, só resta recuar, em passos para trás, rumo à pluridimensionalidade.

1 KAMPER, Dietmar. *Abgang vom Kreuz*. München: Fink, 1996. p. 180.

2 KAMPER, Dietmar. *Mudança de horizonte*. São Paulo: Paulus, 2016. p. 12.

3 *Ibidem*, p. 37.

### 3. Queda como antecedente

O ponto de virada, zero, é também o ponto de onde não há mais volta. Ele é como a queda, imagem escatológica à qual Kamper recorre repetidas vezes. É preciso, de uma vez por todas, abandonar qualquer nostalgia relativa ao idílio da terra natal ou do ventre materno e sua segurança, enfim, a tudo o que remete à vida humana anterior ao pecado original, ao paraíso. É preciso:

“primeiro, visualizar a catástrofe como um horror consumado; segundo, suportar o pavor da história de crimes; terceiro, desfazer-se das asas, pois nunca houve sentido em tornar-se anjo quando não se quer também virar diabo; quarto, confiar nas próprias costas, pois elas servem como arquivo da evolução e da história; quinto, desligar-se da tormenta do paraíso, afinal não perdemos o paraíso, mas, por bons motivos e força do futuro imediato, saímos de lá fugidos.”<sup>4</sup>

Da narrativa primordial da queda, Kamper coleciona variações como o tropeço (Flusser), a vertigem (Hitchcock), o salto mortal (Nietzsche) e também o amor (Dante). Segundo Vilém Flusser, o tropeço caracteriza o ser humano, faz dele um *anthropos*, um ser que se verticaliza saindo da sujeição à projeção. Kamper dá destaque à seguinte citação de Flusser: “Somente ao tropeçar, a pessoa percebe que é um sujeito, e somente ali é possível começar a levantar. E assim, sob o signo do tropeço, o conceito de verticalidade adquire seu significado completo”.<sup>5</sup>

Outra figura da queda, igualmente valiosa para Kamper, vem de Nietzsche, quando este, na seção 125 da *Gaia Ciência*, anuncia a morte de Deus pela boca de um louco. Ao fim da ação, diante do novo vazio, da falta de referências e de respostas, o louco pergunta-se: “Não caímos continuamente? Para trás, para os lados, para frente, em todas as direções? Existem ainda em cima e embaixo?”<sup>6</sup> Nessa mesma atmosfera, Kamper avança um passo e delinea sua mudança de horizonte: “O fato de Deus e os deuses sejam mortais e de repente morram, isso é demais. Exatamente aí acontece o levante dos homens que querem viver”.<sup>7</sup> Trata-se de algo a ser realizado inclusive na ciência e na vida acadêmica. Não tem a ver com a mudança de paradigma, proposta do Thomas Kuhn, pois esta ainda “mantém-se na linha e sobre chão firme”.<sup>8</sup> A mudança de horizonte, por sua vez, “reivindica que a pessoa nela envolvida adicione a tudo isso um salto mortal, uma cambalhota metodológica, a fim de que se possa alcançar o ponto de virada do interno para o externo, o trecho perigoso da fita de Moebius em seu processo auto-referencial”.<sup>9</sup>

Além de cair em tentação (saída do paraíso), cair no crime (matar Deus), pode-se também cair numa trapaça ou cilada. A narrativa exemplar para este último caso é encontrada

4 Ibidem, p. 17.

5 Ibidem, p. 37. Flusser *apud* Kamper.

6 Nietzsche. *A gaia ciência*. Parágrafo 125.

7 Kamper. Op. cit., p. 19.

8 Ibidem, p. 14.

9 Idem.

por Kamper no filme *Um corpo que cai*, de Alfred Hitchcock, tratado no capítulo “A altura da queda amorosa e a força do coração partido”. O personagem Scottie é o homem ingênuo e amedrontado, acometido por acrofobia e vertigem após um trauma. Kamper interpreta-o não apenas como indivíduo masculino e singular, mas também como o homem em geral, representante do gênero. Scottie desconhece completamente as tramas que o envolvem. Em seu caminho, encontra Madeleine, personagem simulacro, que parece saber de tudo embora não tenha poder algum. Esta mulher representa igualmente a mulher primeva, que conduz o homem a comer do fruto proibido. Mas não só: é gélida, manipulável, escrava das aparências. Por fim, ambos caem, ele na cilada e ela do alto de uma torre. Não há volta.

Kamper questiona seu próprio fascínio por esse filme, sentindo-se ele mesmo atraído por uma espécie de armadilha. Após um redemoinho de indagações infrutíferas, chega ao ponto e conclui que a verdadeira trapaça não é realizada apenas pelos trapaceiros, mas também pela vítima em sua enorme indecisão, infantilidade e ingenuidade:

“Talvez seja preciso rever *Vertigo* (*Um corpo que cai*), de Hitchcock, pela décima vez, procurando compreender o mecanismo de nosso próprio envolvimento nele. Não é o outro que trapaceia, mas a própria pessoa, que quer e não quer. Então, em que consiste a trapaça? – No fato de tomar um signo como verdadeiro, que a pessoa aplica sobre suas demandas, e de tranquilizar apenas momentaneamente essas demandas. É verdade, signos acalmam.”<sup>10</sup>

Aqui entra cena a relação amorosa e seu poder narcótico. Trata-se, assim, igualmente de uma queda, muitas vezes voluntária. Kamper diz que “não se pode criticar o amor, pois ele é o que há de mais supremo”, no entanto, “ele [o amor] despenca, tanto historicamente quanto em cada indivíduo”.<sup>11</sup> Ou seja, quase sempre é catastrófico, como se observa principalmente em sua forma mais mediatizada e sujeita a imagens publicitárias, o amor romântico:

“O amor, o grande amor romântico, *amour passion*, é uma invenção da Idade Média, mais precisamente da literatura do sul da França e norte da Espanha, que reelaboraram antigas versões das relações íntimas, daquilo que diz respeito ao casal, e cujo modelo sobrevive adaptado aos nossos dias. Esse amor não é natural, mas histórico. É uma resposta linguística ao distanciamento social dos corpos. É, portanto, completamente artificial e está principalmente ligado à patente incompletude dos seres masculinos. Dante, posteriormente, na *Divina comédia*, agrupou todos esses elementos. [...] A mulher amada, adorada, enaltecida, precisa ser inatingível, se possível morta. O amor masculino passa por cima de seu cadáver.”<sup>12</sup>

10 Ibidem, p. 198.

11 Ibidem, p. 210.

12 Ibidem, p. 213.

#### 4. Livro-pentagrama e uma rede de amigos

*Mudança de horizonte* está composto sob signo do cinco, pois este atesta a saída da encruzilhada (quatro), assim como da dialética hegeliana (três), da binariedade cartesiana (dois) e do monoteísmo da razão (um). Kamper considera seus cinco capítulos ora como uma escada descendente, rumo ao zero, ora como uma flor de cinco pétalas ou uma rosa dos ventos, a mostrar várias direções. Os capítulos também equivalem aos lugares a partir de onde foram concebidos: (1) Karlsruhe, Colônia e Bonn; (2) São Paulo; (3) Otzberg; (4) Neandertal e Dresden; (5) o próprio corpo do autor. Em seu escrito-experimento, Kamper sugere que geografia e metabolismo andam juntos e, mais, geram textos cujos tons são ir-reprodutíveis.

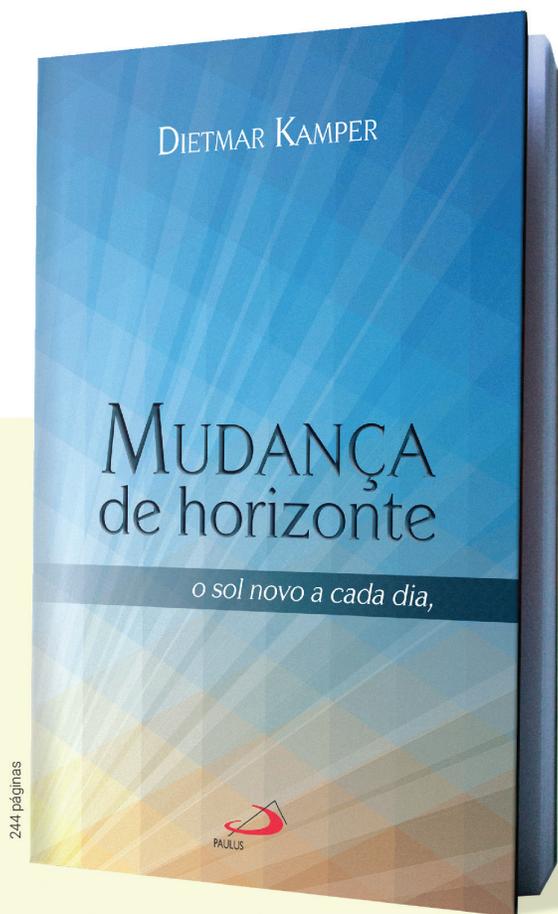
Deste modo, cada coordenada geográfica corresponde a uma disposição reflexiva ou pensamento-corpo (KörperDenken), que dá origem a um capítulo, respectivamente: “Abstrações do corpo”, que trata do destino ocidental das imagens, da escalada rumo a nulodimensão, da virtualidade, de sonhos e máquinas, de competências corporais como o desenho à mão livre; “Olhar e violência”, capítulo dedicado às formas já avançadas de aniquilação e violência pela imagem, ao futuro da visibilidade, ao corpo-cadáver, a formas de driblar a repetição para que se chegue à corporeidade; “Nada de novo sob o sol, mas o sol novo a cada dia”, centro do livro, fala sobre hermetismo como fonte de conhecimento e desconhecimento, suas variações que vão dos fragmentos do obscuro Heráclito a versões atualizadas do deus Hermes, sua vocação à técnica e à comunicação; “Norma deturpada da antropologia” ou, noutros termos, parte na qual as linhas gerais da antropologia kamperiana são dispostas diante uma medida danificada, uma régua quebrada onde é possível contemplar um humano ao mesmo tempo perfectível e incorrigível; por fim, “Antinarciso”, capítulo que trata de estética, percepção e amor, tudo isso sob a aura da queda e da catástrofe.

Tal é o pentagrama no qual se opera a mudança de horizonte. Nele não há pirotecnia nem anúncio estrondoso. A cada página virada, conclui-se um exercício de ler lentamente – quase com os olhos fechados – e abrir os labirintos dos ouvidos, aprendendo outras imagens. Logo nas primeiras páginas, Kamper conta que *Mudança de horizonte* foi escrito em companhia de contemporâneos de ontem e de hoje, um livro entre amigos, muitas vezes num pedido de socorro:

“Uma das suspeitas aponta para as seguintes questões: por que eu? por que agora? por que assim? e mostra que eu, com minha escrita, revelei um segredo cujas conseqüências são mortais e que, pelo fato de ter negado o esquecimento, ameaçaria habilidosamente a morte como fatalidade. A partir de então, o jogo troca seu status de indignidade pelo de seriedade mortal. Ajudem-me, amigos!”

Quem sabe não seja um livro para ser lido em conjunto, em voz alta, para nós e nossos amigos, e que estes passem a lê-lo para nós, a fim de escutemos com os olhos fechados suas pausas, seus pontos, entonações – a partir da voz do Outro.

# Contra o imaginário, há somente a força da imaginação



## Mudança de horizonte

Dietmar Kamper

*Mudança de horizonte* é o último trabalho publicado em vida por Dietmar Kamper. Nele encontram-se os principais temas de sua trajetória intelectual: imaginação, corpo, abstração, estética, amor. Aqui, porém, esses temas surgem acrescidos de um novo olhar e desdobrados em direção a um novo horizonte, num livro que é por si só um corpo, com vontade e destino.

**PAULUS,**  
dá gosto de ler!

**paulus.com.br**  
11 3789-4000 | 0800-164011  
[vendas@paulus.com.br](mailto:vendas@paulus.com.br)

